

ATMOSFERA MODIFICADA

Técnica de conservação que evita o contato do oxigênio com a superfície do alimento. O ar é substituído por uma mistura gasosa, controlada e mantida constante.

Há um cansaço da inteligência abstrata, e é o mais horroroso dos cansaços. Não pesa como o cansaço do corpo, nem inquieta como o cansaço do conhecimento e da emoção. É um peso da consciência do mundo, um não poder respirar da alma.

Livro do Desassossego Fernando Pessoa

O destino estava me pedindo uma pausa, longe do barulho do mundo.

As trilhas a percorrer eram inúmeras, e uma força irreversível estava me empurrando apesar das dificuldades financeiras, que minha infiel imaginação tentava dissimular.

Queria morrer por dentro, por a joia de recomeçar, quem sabe aonde, mas o mal que eu fiz não poderia dissolver da minha alma tão facilmente.

A casa que estava para deixar era aquele lugar aparentemente confortável onde viver sem conseguir expressar plenamente meus próprios desejos.

Sempre amei fielmente, comprometido e quente, ninguém poderia ter dúvida sobre meus sentimentos.

Acreditava profundamente nos resultados, confiante na natureza humana, popular e querido no dia a dia. Procurava ver a beleza e a dignidade humana em tudo, esperando sem admitir, um reconhecimento pelo exímio trabalho e pela minha devoção.

Obviamente recebia em troca aquele tipo de amor conveniente e passivo. Ninguém me amava de verdade. Muitos colocavam suas vidas em minhas mãos.

Estava guardando a coragem para me transformar, deixando sem pré-aviso todo o velho atraís. Finalmente a procura da felicidade e do prazer. Naquela altura em breve teria encontrado luxúria e magia.

A partida estava tomando forma, no enquanto ainda forças adversas atuavam em contra; era aconselhável trilhar imediatamente por novos caminhos, descobrir novos talentos e habilidades para levar comigo passeando pelo mundo.

Ousar, ostentando uma aparente imaturidade, sobrestimar minhas capacidades, mostrando-me absolutamente evasivo e sagaz. Uma viagem era a chave, fora e dentro de mim com a tarefa de conhecer o prazer verdadeiro: o único, grande mistério que o Primeiro Mundo ainda não desvelou.

CAPITULO 1 DUOMO DE MODENA

“Vou passear por um tempo, liga para o canil” palavras escassas num papel amassado, destinadas a minha irmã Sonia. Com o nariz entupido pela última noite de cocaína e o sangue gelado nas veias, joguei roupas ao acaso, na mala vermelha comprada naquele dia na loja barata dos Chineses. Estava fugindo e ao mesmo tempo realizando um sonho: aprender a decepcionar alguém.

No tiracolo de lona de camião, em auge na cidade, um rolo de euros procurados vendendo em pedaços os equipamentos do meu restaurante. Mamãe ainda estava viva, completamente debilitada por diabete e recorrentes isquemias. Deixei meu querido Atman e aquelas poucas palavras no patamar de granito cinza, sujo no desleixo daquela época. Nenhuma lagrima derramei abandonando Sonia e mamãe; nos não falávamos mais, faz tempo. A única amarra que nos ligava era a participação societária no outro restaurante de família e da mansão.

Morávamos em Via del Taglio, os edifícios históricos de épocas diferentes, a partir da Renascença, desfilavam austeros um a frente de outro. A rua estreita permitia ver o céu cinza, somente nas encruzilhadas ou nas esquinas. As fachadas discretas cor de rosa antigo ou amarelinho misturavam seus jogos decorativos, com as janelas que pareciam olhos fechados pela metade. Persianas cor ardósia pareciam incomprometidas e alheias escondendo vidas como a minha, cheias de conflitos. A vaidade comedida dos balcões acabava com a melancolia da perspectiva. Frívolos lampiões suspensos de ferro forjado insinuavam encontros maliciosos nas zonas de sombra..

Fiquei mais abalado por ter abandonado meu bull terrier no patamar, que deixar minha mãe no leito de morte. Coitada, ela teve a responsabilidade mais difícil e importante; ajudar-me no caminho vertical da vida.

Pobre mamãe, entre tentativas e erros acabou perdendo o desafio. Deixou-me um legado profissional incomodo: ser como ela, procurando reconhecimento e status para escapar de si mesma e de seus problemas de sexo frustrado. Seu ego fantasma, fantasiado de profissional aparentemente equilibrado e capaz, se identificava demais naquilo que sabia fazer. Autoestima e humor em função da atividade e dos resultados. Uma máscara alegre e popular, uma fachada mantida animada com álcool, café e cigarros.

Minha esposa e sócia, tinha me deixado a pouco tempo, apesar que ainda me amasse. Cansou do meu condicionamento social e da obsessiva procura de resultados excelentes; para mim eram orgasmos, por isso nunca fazia amor. Sublimava realizações e beleza formal, um conceito esculpido em mim, para o professor de literatura: a vida como obra de arte. Roberta coitada, ela não reparou que minhas maratonas profissionais e a total ausência de sexo me deixavam a lucidez necessária para acertar meus objetivos e gozar.

Um dia percebi que a linha reta da opulenta Via Emilia, os padrões caducos e preconceituosos de Modena, não cabiam mais na realidade da minha alma faminta. Quebrei a estabilidade, instiguei a destruição que se fazia cada vez mais necessária para mim, imprescindível e urgente para agilizar meu renascimento. Atuei o último ato daquela detestável comédia das convenções.

Cada noite depois de ter fechado o restaurante e como de costume ter exagerado com a cocaína, dava uma volta com o cachorro na Praça do Duomo. Para frente e para trás, mil vezes, do banco da parada de ônibus de onde pessoas normais no dia seguinte teriam esperado suas vidas ordinárias, no enquanto eu achava a minha assim extraordinária.

Alucinado pelo vício, admirava o portal da igreja, via as imagens e as desdobrava na minha fantasia, quase eu pudesse tocar algum Deus. Eu adorava aquela embriaguez. Sentia-me desprezível, numa condição abjeta, mas não conseguia renunciar aquela plenitude dos sentidos dilatados. Na luz irrecuperável do amanhecer, leitosa e viscosa, o baixo-relevo da Catedral pareciam se animar. Figuras humanas que com grande fadiga sustentavam a moldura do portal.

Eu podia até sentir o desespero, aquela necessidade de resgatar o pecado original. Aprendi cedo de meus pais o truque da expiação, reparar erros através a penitência do árduo trabalho no restaurante. Isso permitia mais e mais caídas, facilmente borradas na consciência.

“Estou cansado desses pensamentos cheios de sofrimento e culpa” pensava com a fauce seca, olhando aquela figura ambígua no meio do portal.

As pernas afastadas, constrangedor com duas faces. Mostrava-me seu falo de qualquer parte eu espiasse. Era Janus bifronte e sua duplicidade era meu espelho. Podia me ver em meio dos cachos enrolados de videira selvagem, populosos de homens e fantásticas criaturas muitas vezes em luta um com outros. Sentia minha própria tragédia, a rixa entre meu ego e os desejos escondidos da minha alma. Frente aquele ramo emaranhado na floresta, meu símbolo de negatividade e de prova, me sentia em perigo. Uma sufocante taquicardia bombeava ansiedade e incerteza, assim eu imaginava apertar a videira e agarrar-me nela para não me perder e sair do apuro.

Depois de muitas horas teria conseguido pegar sono, certo de atolar num pesadelo, sem saber em qual galho me agarrar. Com a imagem do falo indecente de Janus me masturbava horas e horas sem conseguir derramar meu líquido amargo.

Perpetuava o passeio noturno frente ao Duomo, sem conseguir libertar-me daquela dependência, sempre igual e invisível como a irre recuperável sensação do tempo que deslizava sobre às paisagens, sobre a cidade e as pessoas, deixando implacável sua marca.

O fluir do tempo escandia outra condenação: o trabalho. Trabalhar e sofrer eram nossa expiação. Cada noite, bem aí, onde eu delimitava o espaço humano da cidade e aquele divino da Catedral, podia ver os meses, os dias, os minutos.

Como um encontro da minha pequena vida e a eternidade. A visão do tempo aflorava como se fosse algum Deus, como uma espiral. Voltas infinitas ao redor de um ponto, a forma mais difusa na natureza. Girassol, cornos, o fluxo do furacão, a molécula do DNA, búzios, galáxias. A expressão matemática da beleza da natureza. Forças rigorosas que obedeciam a precisas leis matemáticas. Podia ouvir as instruções para meu projeto. Podia ver os registros das minhas experiências passadas e minhas tentativas futuras.

Reiterava minha baixaria naquelas noites desarranjadas.

Engasgado no vício, queria decifrar a intuição frente dos meus olhos, uma nova compreensão, alterada pela excitação da cocaína. Um presente fadado para mim, desde o meu nascimento. Uma epifania revelada frente ao meu Duomo. “Aonde quer ir?”, era minha voz interior que perguntava. “Onde eu já tinha escolhido de ir antes de nascer”, retornou o Mestre.

A ebriedade me permitia de entrever a trajetória de meu gênio, o som da chamada. Propagava-se em sinais, memórias de água e notas musicais. Avistava meu lugar no mundo, o pressentia, pobre, aromático de eucalipto e coentro, cativante de mar e de vento. Há anos o estava esperando. Um

dia depois decidia atravessar a porta do Duomo e também cruzar o umbral do meu sonho. Requeria uma precisa vontade, tão forte de superar a inicial repulsa e a resistência que me fixava ao solo.

CAPITULO 2 NATAL Latitude: -5.79448, Longitude: -35.211 5° 47' 40" Sul,

Naquele 18 novembro 2010 estava saindo da vida programada; toxico, alcóolico e promiscuo deixei Modena ao amanhecer, com 200.000 euros de dividas e um só ida para o Brasil.

Embebido de lascívia ate' o desgosto planei na grande Natal, convencido que minhas habilidades profissionais teriam sido um passaporte universal.

Do taxi se mostrava uma refulgente cidade, cheia de carros novo pago em prestações. Nenhuma sutileza, só uma vulgar ostentação no estilo americano. Ali' eu batizava minha renascença, selando fidelidade aos meus desejos, por muito tempo reprimido.

O mau cheiro do meu corpo corrompido lembrava uma fera com medo. Era o fedor da carniça dos meus egos moribundos.

Perpetuava o ligado da minha decadência numa pousada de amigos italianos. Fronteira com a favela, na Vila de Ponta Negra, simples e descontraída. Acomodaram-me res do chão frente ao ingresso, depois no primeiro andar, mais uma vez no térreo em fim na suíte ao lado.

Chacoalhavam-me como um hospede evasivo e dubio, porque nunca falava, nem acertava a divida de dois meses de permanência. Usava a conta do cartão pré-pago do proprietário para receber aleatoriamente dinheiro de Itália.

"Alessandro você e' traficante?" me perguntou o sócio da pousada, instilando ironicamente sua duvida. "Quem me dera que eu fosse, seria rico, retribuindo aquela insinuação e disfarçando a chatice. Estava vendendo em pedaços a historia efêmera do meu restaurante, e amigos trapaceiros me transferiam de Modena as migalhas das vendas.

A décadas, muitos Emilianos como eu, migraram em Natal, laboriosos ou folgados dissipadores. Eu queria fazer um esforço, me conhecer melhor. Sabia que o incentivo adequado teria sido sofrer. Cheguei no Nordeste do Brasil para isolar me e inventariar com esmero a espiral da minha memoria. Precisava fazer mal a mim mesmo, ser uma coisa só' com passado, presente e futuro. Flagelar-me com a minha própria ausência de moral.

“Porque estava doendo?”. Porque o verdadeiro flagelo era a memória, o juízo da sociedade que sentenciava minhas ações”.

Propiciava uma metamorfose na minha incomoda personalidade, enquanto na piscina frente a meu quarto, mulheres pretas bramiam na dança do acasalamento. Com esta fantasia na cabeça voltava a me masturbar com obstinação, até que conseguisse derramar meu líquido amargo.

Lembrava-se de Modena, da alucinação frente aos corpos, a carne daquelas figuras, de Janus e seu obsceno falo. Também podia sentir a história feroz dos hóspedes da pousada, o carrossel de nossas vidas na felicidade e na dor. Cavaleiros de 40, 50 e 60 anos com uma noção grandiosa de eles mesmos e uma necessidade desesperada de amor e aprovação.

Fausto com o terror da velhice, sempre a procura da juventude, com a sua roupa chamativa e sua atitude pueril. “Alessandro esta noite vamos arrastar os pés’ num forro’?”. “Pode ser”, mas eu já’ sabia que não estava a fim de contato físico.

Outro cômico, que precisava tratar todo mundo como seres inferiores; Lele tinha medo de não ser aceito no clube. Seus camaradas mais velhos e gordos buscavam até tentativas extremas para se agregar.

A indolência das tardes a beira da piscina mostrava nossa insegurança, nossa dificuldade em manter laços amistosos. Uma moleza quebrada somente pelo “fssst” das latas de cerveja armazenadas a profusão nas geladeiras de cada suíte. Na amargura desta cena eu tentava me colocar numa independência defensiva, não conseguia ser franco, mas desejava que meu afastamento me elevasse acima daquela gente comum.

Uma toalha vermelha cingia a pelve de Davide, que no balcão do primeiro andar menosprezava com arrogância a fêmea deitada na cama, flertando ao telefone com outra presa. Em baixo na varanda, o rebanho divertido participava da mesma farsa: não admitir a eles mesmos que uma mulher poderia tornar-se importante para eles. Os dias atravessavam a preguiça da minha solidão, no vaivém de machos com expectativas extraordinárias. Todos nos tínhamos uma sexualidade problemática, que nos levava a uma ansiedade de desempenho.

Giordano gostava de garotas fracas, dependentes, mesmo que ele negasse ser já’ compromissado.

Eu que não conseguia aceitar minhas imperfeições, acabei não aguentando nem as falhas de Roberta, minha esposa. Depois de uma idealização inicial, acabei desprezando ela. O desejo incôscio de desfazer os laços apertados que me enrolavam, sabotou minha brilhante vida programada. Virei um homem repugnante e descontrolado para encontrar a coragem de deixar tudo e todos.

Permitir em fim a minha irmã Sonia e a Roberta de viver a vida que sempre quiseram, sem aceitar, por amor, meus condicionamentos.

Não gostava de sair a noite, esperava os licenciosos arrumar os compromissos e quitar minha alma ao luar. Batidas irritadas de saltos no escalão do primeiro andar traziam lembranças da caminhada vigorosa e lesta de Roberta no piso de cerejeira de nosso restaurante em Modena. A presença transfigurada de uma loira constricta na sua farda prateada me dissuadia da minha emocionada reflexão sobre meu destino.

“Posso sentar aqui?” solapava impaciência atrás da sua maquiagem rabiscada. “O taxi nessa hora vai demorar”, mas entre feras dava para perceber o cheiro.

O dia que Mirco chegou eu parei de pensar que, fora daquela pousada a vida fosse ameaçadora e perigosa. Precisava de um aliado e acabar com a ausência de amizade.

“Para de comer, ao por do sol vamos tomar um Prosecco na praia” bradava num dialeto incompreensível. Era Siciliano, temperamental e desfrutava a vida ao máximo. O bando trocava olhadas incrédulas, um cochichando: “Alessandro, a turma do Norte não aguenta ver você junto com um Siciliano”.

Estava pronto por algo elevado e insistia num viver ordinário. Foi a existência a botar o ponto final na minha mesquinhez. Sentia que meus limites eram a nota afinada de uma ressonância mais elevada ainda não vibrada.

CAPITULO 3 LUALA

Sentia-me bem fadado em meio a festa que a torcida fazia pela final Corinthians e Palmeiras.

À medida que os minutos iam passando me soltava mais, aproveitando à excitação a flor de pele. Sabendo que o empate garantia o título, o Corinthians evitou se arriscar muito. No estádio Pacaembu, que em tupi-guarani é “terras alagadas”, o time se consagrou campeão.

Saindo do barzinho popular que parecia uma gaiola, aluguei meu coração a uma mulher. Ostentava uma pose com a cabeça propensa e uma mão no bolso do calção curto. Cheiro de maçã verde dos cabelos negro como um corvo. Uma chama nos olhos que exigia amor. Abandonou uma carícia sobre minha perna e sua grande boca molhada.

Muitos estavam a minha procura; quem por dinheiro, quem por amor. Ninguém queria renunciar ao gosto de cobrar para a incoerência da minha vida.

Já' morávamos juntos, na casinha indigente de Luála. Dois quartos desajeitados aos confins do céu, no fulgor da cal branca e da bogada pendurada no sol. No vento azul, notas verdes de eucalipto; por aí' andava meu coração e o cheiro gostoso dos feijões fervendo.

Não tinha nada e tudo que possuía por dentro, ninguém poderia roubar dela. Gerava uma ação coercitiva sobre mim, desviando-me da vida mundana por ciúme e orgulho latino. No convívio italiano não falava, sentindo-se avulsa, mas na intimidade não continha palavras e sentidos. "Allesandro" estragava sem querer meu nome, "você fica abalado com a intensidade das emoções?", "Parece que tem medo de carícias".

Não aguentava o tom quente da sua voz, estigmatizando nosso amor. Virava um pouco as costas para não mostrar meus olhos molhados. Nunca confessou sua idade O encanto de Luála se mostrava além dos anos e da beleza. Sua graça de Índia deixava tudo espontâneo. "Ale, me leva até' lá', quero gozar" falava baixo ,deslizando em cima de mim.

Tudo para ela tinha que passar através dos sentidos, selar os dias com uma sensação, por isso sempre queria fazer amor. Uma conquista impulsiva com uma entrega delicada.

Os dias passavam leves e eu que sempre foi movido por motivos de ordem materiais, achava ali, naquele mundo imperfeito, minha liberdade. Compreendi que a perfeição era a fim da dialética, da crise. Somente no incompleto poderia ter criação, então a felicidade. Poder financeiro e status eram a única forma de escapar de meu dualismo e das minhas frustrações sentimentais.

Agora que passava por uma ruínosa situação econômica, podia entrever as inesgotáveis possibilidades da existência, fora dos padrões imutáveis de Modena. O mundo não era mais para se perder, governado pela quente espiral de Luála.

Podia sentir a matéria se mesclar com as emoções, na procura do verdadeiro prazer. Me acompanhou na direção certa, para aprender a ser viajante e viagem ao mesmo tempo. Não queria mais correr atrás a minha verdade particular, apenas abrir mão de minhas opiniões gangrenadas, e suspender por um tempo qualquer forma de prejulgamento.

Entendi que no agarrar meus pontos de vista, o conteúdo da minha posição virava mais importante que o sofrimento trazido pela rigidez de minhas ideias.

Vivia em Modena como capturado pelas coisas, pelo apego. "Eu gosto" se tornava "eu quero", "eu não gosto" virava "não aguento mais". Boiava na turbulência de querer ser, sem consciência de mim mesmo. Sem controle sobre minha visão, gosto, tato, olfato, audição, meu coração ficava arrastado numa experiência frustrante de algo incompleto. Por isso me autodestruía na procura da próxima excitante experiência.

Atropelado por uma onda e mais uma, de compulsões, de dependência das coisas, como num oneroso ciclo da vida e da morte acelerado. Sempre abusei do meu corpo e da minha mente, ignorando os sinais que matéria e espírito enviavam para salvaguarda do sistema. Sabia bem que o segredo para penetrar as coisas era colocar elas travessas, esfaquear elas. Acabei destruindo elas, sem medida nem mediação.

Talvez tenha sido a morte de meu pai a favorecer o desmembramento. Um homem exuberante, visionário com uma exagerada confiança nos próprios meios. Nos inúmeros institutos de crédito tinha delegações em representação da família. Assinava papeladas, como administrador, conferia os livros contábeis e o balanço do restaurante. Subscrevia investimentos em títulos financeiros e fundos patrimoniais.

Assumia riscos desnecessários. Escolhia o cardápio e a carta dos vinhos. Horário dos serviços e dias de férias, até a cor das paredes e o som de fundo. Brindava com elegantes bebidas junto a sempre novos companheiros. Lidava com negócios e relações públicas sem esforço nenhum.

Meu esquema funcionava e o aplicava a cada aspecto da vida diária. Pouco importava se meus familiares saíssem magoados ou desgostados. Quando minha esposa Roberta começou a sentir-se rebaixada pela minha arrogância e meu pai morreu, deixando a herança em minhas mãos, o império desabou.

Meu pai era a projeção daquilo que eu seria teria sido, apesar de que toda a família já tivesse pagado caro seus erros financeiros. Éramos iguais, cheios da vida, até demais.

Eu não amava provas de amor. Para mim o amor era um código olfativo. Como o cheiro alcoólico e masculino que sentia ao colo dele, no mar cristalino de Ostuni, ensinando-me a nadar. Eu não entendia como as gotas d'água nas crianças deslizavam rápidas e nos adultos adriavam a queda.

Depois de muitos anos, poucos para mim, sua hora chegou. Foi no último almoço de páscoa com a família e sempre lembrarei com remordimento. O resultado desastroso de nossas reuniões, por gente pouco acostumada ao convívio parental. Ele bêbado e constrangedor parecia perdido, até eu explodir: "Para, por favor, não vêes que tua pele é asfíxiada, cinzenta?".

Palavras amargas que cheiravam morte. Palavras improprias, sem retorno, sem perdão. Somente naquela hora entendi o problema. Somente nos dois sabíamos a verdade. Estava com câncer no estágio terminal. Manchas pretas espalhadas para toda a ecografia. Eu e meu pai.

Coisas demais, sem achar o jeito de explodir lãs. Por isso, expostos ao perigo de erros colossais. Nossa misera e excepcional tentativa, nessa limitada dimensão terrena.

O ultimo ato da farsa das aparências, se concretizou com a cumplicidade de um funcionário de um famoso Banco da família Maramotti. Tentado pelas comissões da operação financeira que eu era prestes a assinar com o instituto, ele colocou incautamente títulos e imóveis como garantia da transação. Tarantini conhecia minha família e sabia bem que o patrimônio da família não podia ser movimentado em ausência das firmas conjuntas da minha irmã Sonia e de minha mãe.

No silencio sujo daquela papelada começou minha decadência. Perdi as fundamentas no meu coração e o controle dos gastos. Em poucos anos virei uma fera descontrolada, numa caçada da minha própria alma.

O diretor do Banco Credem era um amigo importante da adolescência. Sempre foi uma peça fundamental na minha dialética entre contemplar e agir. Plotino era nosso filosofo chave, na tentativa de conciliar nossa noção de vida.

Acabou me traindo. Para acertar meu empréstimo protestado ele vendeu os títulos e os fundos patrimoniais ao menor preço do mercado. Desta forma a valoração dos bens oferecidos para sarar minha divida foram insuficientes.

Esta atitude pouco filantrópica do meu grande amigo de colégio desencadeou a falência e a consequente implicação de minha família.

Luala me ensinou a respeitar os ritmos do corpo, prestar atenção aos sonhos, peneirar os pensamentos. Aprendi a localizar a origem de um obscuro mau humor. Ela praticava uma mediunidade curadora, chamava em ajuda os espíritos que a amavam.

As minhas costas coladas na parede como escorando minha fragilidade; ela queria induzir-me num estado de regressão infantil. Mexer com a tempestade de emoções que eu ligava a momentos dolorosos, me dava medo.

Da janela telhas de barro se misturavam com o frangi pane fragrante e o desenho brilhante da Ursa Maior. Aflorou um soluço e a imagem de meus

pais me deixando na colônia de férias. As refeições no dia do Natal, roubadas entre um cliente e outro no restaurante da Vo. As mortes.

Desde criança perdi meus referimentos internos, pais frios e dedicados em acumular dinheiro, perdoando-se em nome do lucro, injúrias recíprocas. Foi inelutável acabar por manipular eles com as mesmas armas e os mesmos persuasivos assuntos. Inevitável querer exceder nos resultados e crescer depressa sem o calor de uma família.

O restaurante nunca fechava, nem diante da morte. A produtividade era a moeda de escambo de nossas almas

O réveillon de 1981, eu adolescente, gordo e inseguro foi escolhido para honrar o enterro da avó até a cidade de Bari. Uma vovó desconhecida, mesmo para seu filho fugido cedo daquela pequenez. 10 horas de carro com os cigarros fedorentos de meu pai, eu esgotado, pensando na festa onde meus amigos teriam beijado de língua pela primeira vez.

Parei naquela casinhola odorante de madeira aromática da lareira e mofo. As cômodas lacadas escuras com a base em mármore, carregadas de fotos de filhos estranhos, casamentos, netos e cerimônias inesquecíveis. Lembranças esvaecidas, destiladas com a passagem do tempo.

A carroça levada por cavalos brancos mostrando o fausto daquela avó estrangeira. Eu adorava meu pai, teria feito qualquer coisa para aliviar seu sentimento de culpa. Também ele não estava sofrendo; aquele enterro era um código social a cumprir. Três dias depois voltamos a realidade produtiva de Modena, com a frieza daquele restaurante de família que nunca estava fechado.

Os zigomas marcados reluziam por efeito da sua pele morena. Parecia uma figura irreal, na tentativa de compreender que eu precisava de um tratamento especial, de ternura que pudesse anular meus temores. "Ale, tem que encontrar o Mestre" dizia com a santidade de um salmo. "Reconheça a energia", me falava com a palma no diafragma.

Algo estava brotando em mim, e eu estava pronto para receber. De repente reparei que tudo poderia acontecer. Luála era ponte entre minha alma e o mundo do possível.

Adestrava minha percepção, minha capacidade de atravessar as informações. Convidava magicamente a vontade a se comprometer com o desejo, gerando uma ação perfeita. Outra vida estava me esperando, longe daquela espessa e imóvel de Modena. Não perguntei nada mais a Luála; "as palavras falham" ela sempre reiterava.

Sentir a energia, este era o Mestre que precisava encontrar. Alfabetação da alma; éramos ondas únicas como improntas digitais inexoravelmente

ligadas um a outra. Aquela noite foi magica, vivi o corpo inteiro dela com uma intimidade que me levou pela primeira vez a uma ligação mística.

Nos dias seguintes me esforcei de curar e proteger aquela finura emocional, aquela atmosfera sensível e íntima, mas algo interferiu na minha mente.

CAPITULO 4 AMOR TANTRICO

Uma inquietação batia em mim, era energia baixa querendo dialogar com minhas segredas intenções. Rudson pescava camarões no Rio Potengi, era sombrio e desconfiado como os nordestinos do interior, mas gostava de mim porque tomávamos cachaça juntos e não o julgava.

A paisagem silenciosa do manguezal refletido na água despertava minha obsessão para façanhas. Uma necessidade de exceder batia em mim, uma ancora presa na mentalidade italiana que não me pertencia mais.

De vez em quando o ajudava a retirar a tarrafa da canoa, sem falar observava seus conhecimentos tradicionais. Afastado dos outros pescadores, ele não queria participar da disputa conflituosa do espaço. Eles trabalhavam em grupo, quem assumia o remo, quem se encarregava de ir soltando a rede com a jangada em movimento. As tainheiras estendidas entre o jogo cromático da água permaneciam minutos ou horas.

Enquanto esperavam, se reuniam divertidos, entre conversas, brincadeiras e doses de cana. Um prazer ver como lidavam com o tempo, com o conceito de trabalho e de lazer. Resistiam à assepsia da vida urbana, sem submeter-se a quem fingia que o rio fosse invisível. Uma separação evidente entre o povo e a massa com maior poder aquisitivo.

Rudson encontrava corredores na mata do manguezal como um animal silvestre. Parou resoluto para cortar um galho pardacento com carnosas folhas de forma cilíndrica. "Que vai fazer com isso?" perguntei cheirando a proeza. "Guardo junto com o pescado para controlar a deterioração", replicou sem modéstia.

"Superstições inúteis como as orações" proferi eu sem pensar.

Apreendi nos anos passados em Natal a não fazer comentários sobre a mente tapada daquele povo. A cidade desenvolveu na sombra daquele Rio salgado, beijada de inundações de água doce e água do mar. Pouco

lembrado, a diferença de muitas capitais no mundo em que o curso de água vira parte essencial da paisagem

Voltei depressa em casa ao anoitecer, deliciando-me na espera do ceviche de corvina cozinhado por Luala e desfrutar juntos aquele peixe branco e leitoso como um ritual. O vinho era caro, acabava numa golada e me deixava um dilacerante desejo pela metade. Assim distante dos vinhos italianos que só em deglutir podia lembrar os aromas.

“Talvez do pescado me vendeu peixe velho” se queixava do resultado do ceviche jogando a culpa no peixeiro. Era sublime e delicado como de costume, em equilíbrio entre acre e picante como ela, guarda do prazer.

Abeberava os sentidos na lembrança da Osteria Francescana. Entre suas paredes cinza gostava desaparecer, nas segundas feiras quando não trabalhava. Quase o melhor restaurante do mundo, encastado no centro de Modena perto da minha casa. O cardápio traspunha conceitos da arte contemporânea, na cozinha.

A moda condicionava as escolhas enogastrômicas, onde ostentar e com quem, enquanto eu me achava isento de tendências. A travessa gotejante cheia de crustáceos e moluscos crus era minha depravação, acompanhada de um Vintage Tunina ou um Ruinart blanc de blanc se precisava me compensar mais. Sentado na sala cor de ostra procurava uma fronteira, uma zona desmilitarizada. Escondido atrás da garrafa de Zacapa e chocolate de Nicarágua queria murar viva a minha existência, aquela altura.

Sentia minha alma perdida na neblina, na procura irresoluta de uma solução. Consumia meus fetiches num culto religioso, me protegendo de influências externas. Não estava mais propenso a participar, tratava o convívio de forma mecânica e artificial.

Era minha última tentativa de resistir à chamada do meu ser, que me queria melhor. A derrocada estava começando através a autodestruição e a crítica social.

Terminei o leve jantar enquanto Luala queimava sal e carvão para limpar o ambiente, antes de nossa liturgia tântrica. “Ale, você merece viver melhor”, me falava através seus dentes brancos encastados na grande boca húmida. Era lua crescente, a fase onde o macho é mais viril. Ela colocava cangas coloridas por todo lado, dizia que os do primeiro mundo faltavam de imaginação, precisávamos de mais estímulos. As regras do amor exigiam que fosse consumido entre as onze da noite. De lua nova o ritual teria que começar a uma hora da tarde até a noite.

Como seu boneco mágico me ajustava a blusa violeta que achava tivesse qualidades metafísicas. Tocava-me superficialmente, despertava meu prazer, masturbando-me para tirar minha memória sensorial limitada. Era

para mim constrangedor e cruel. Queria gozar e ela não deixava. Apertava meu calcanhar para reter meu sêmen, naufragava perdido naquela união entre mestre e discípulo.

Amainava minha paixão, cavalgava meu desejo para tirar-me daquela postura ancestral de possuir a femea. Luala conhecia todos os segredos da mente, sabia que para aumentar o prazer o inconsciente devia acreditar mesmo que a união não era para fecundar. Queria, cada vez mais, prolongar o contato, numa absorção mútua. Ela podia sarar, espalhando felicidade pelo mundo.

A lua de Ponta Negra parecia mais perto que em outros lugares, agachada para caber na abobada celeste. Deitei satisfeito ao lado de Luala recolhendo os pensamentos, encaminhando os pedidos para o dia seguinte aos espíritos que nos amavam.

Acordei pensando em Rudson o caipira, e ao três de paus, meu arcano predileto. Representava a ideia genial, a inovação o escambo. Guardava aquela carta pregada na porta de casa, para não esquecer o que estava procurando. Remoinhava as imagens, o mangue do Rio, Luala o ceviche, o prazer tântrico, os camarões na rede.

CAPITULO 5 POTENGI

Peguei dois ônibus até Macaíba, no trânsito congestionado e na negligência de motoristas com certeza inscritos em dívida. "Oi Ale, que fazes aqui de manhã cedo?" disse enquanto chumbava a tarrafa. Ajudei Rudson a retirar a canoa e os camarões escorregavam argênteos entre os galhos dos meus desejos.

"Bora no manguezal amigo, preciso de um carrinho de mão, cheio daqueles galhos".

"Não se pode desmatar Ale, a floresta é o berço da minha infância".

"Olha o preguiçoso, por 100 reais é melhor você aceitar" eu sorri para ocultar minhas intenções. Uma precaução para desarmar a oposição dele. Irritado carregou os mangues desabafando: "Gringo, você sabe por que esta planta é chamada dedo do diabo?"

Por muito tempo não tomamos cachaça juntos. Cheguei ofegante em casa, com o saco de juta rasgado mostrando as pontas carnosas dos galhos.

Foi bastante o olhar desenganado de Luala para entender que já eu estava perdido e fora do jogo. "Ale, estas violando a floresta, roubando os

segredos dos Índios e o orgulho de Rudson” reclamou incendiando a faísca dos seus olhos em guerra.

Podia até ler minha intenção. Patentear o látex daquela planta e virar rico de novo com os proventos. Obcecado com estender o prazer, aspirava alongar a comestibilidade dos frutos do mar. Teria sido um inovador processo de conservação numa espécie de atmosfera controlada. Ela sabia que eu levava as coisas até o limite, para me convencer que algo único poderia acontecer e resgatar meu fracasso na Itália.

“Somos energia, vibrações entrelaçadas, Ale, você está poluindo o alento do Universo. Procura o luxo e somente o prazer de desenvolver interesses voluptuosos”, aflita me falava, afastando-se de mim. Repliquei, intimamente cansado e perdido: “Amor, não tenho mais a certeza de desejar algo que seja verdadeiramente importante para mim.”

“Desde quando quebrei o casulo onde escondia meu espírito, e aconteceu àquela noite em Modena frente ao Duomo, comecei a sentir a vida pulsar, mas meu mundo material caiu em mil pedaços” falei ressentido com ela que considerava absurda minha exigência.

Doutor Araujo regia o Laboratorio de Analise em Tirol. O edifício baixo, frente aos prédios requintados daquele bairro, parecia modesto, degolado para a fileira de cabos elétricos. Paus de madeira lascada apontavam um céu grumoso, de pequenos coágulos de nata num líquido azul. O atendimento foi péssimo a causa da mudança do estudo num prédio estonteante de espelhos

. O dedo do diabo foi entregue a seu nome científico: Euphorbia Tirucalli ou Aveloz, e também uma oportunidade possível, ao meu destino.

O segredo consistia em acertar a diluição do leite extrato da polpa succulenta. Cada dia dissolvia 10 gotas daquele látex extraído, em água filtrada, borrifando a mistura nas ostras, camarões e qualquer fruto do mar encontrado no mercado das Rocas. Solitário e incerto esperava que começasse a deterioração dos moluscos para comer lós . A língua ardida e inchada era tão perturbadora como minha necessidade de sobressair acima do comum.

Enquanto isso, Luála não se juntava mais comigo, retraída e ofensa falava baixo: “Meu amor, você é fétido, viciado, nocivo. Quer tudo, corrompe, e perde de novo. Teu carma é perturbador ,Ale”. “Teu cheiro me fala do teu corpo; a doença que você já superou anos atrás está voltando. A excelência que tua sociedade imaginária requer de você está te matando, Ale. O câncer de próstata está bem ali’, posso ler a assinatura olfativa do mal. Para com tua obstinada dificuldade em soltar emoções. Para com aquele sentimento de inutilidade que vai alimentando interiormente”.

Eu sabia que cada poro emanava o eflúvio de um açougue, uma mistura revoltante de cerveja oxidada e amoníaco .

Afastei-me dela com o coração cheio de medo e vergonha. Sabia tudo sobre as marcas que a psique podia gravar no corpo. Perto dos quarenta anos me diagnosticaram um câncer severo de próstata. Vivi aquela situação com a frieza de um espectador, com a presunção de nunca estar em perigo de vida.

Coragem e arrogância os tratos distintivos meus e do meu pai; todo mundo estava de acordo com isso, sem esconder o aborrecimento.

Abusamos de nosso corpo e de nossa mente, numa silenciosa constância. Aprendemos juntos a ser fortes e desapegados, com a consequência de ignorar os sinais que físico, matéria, mente e espírito lançaram para nossa salvaguarda. Para nos o segredo para penetrar as coisas era virar lás ao avesso, passar através, sem medida chegando ao fracasso.

A perda do meu pai adiantou minha decadência. Um homem exuberante, visionário com uma confiança exagerada nos próprios meios. Vislumbrou ideias geniais que por azar acabaram em ruínas. Perdas, descuidos, negligências, omissões; assim eu aprendi a selar acordos e alianças. Tratos regidos pela regra do silêncio, assentimento.

A diluição não estava dando o resultado atendido. Os moluscos e os crustáceos borrifados em atmosfera modificada pelas propriedades do látex resultaram urticantes. O extrato bruto, numa avaliação do laboratório, foi decretado com atividade altamente tóxica. O látex foi coletado de novo para o Doutor Araujo da planta por punção das folhas e caules, e outro extraída juntamente as folhas.

Enquanto tentávamos isolar frações de látex na medida ideal, eu continuava comendo frutos do mar borrifados até que nem o meu lado mais enigmático me reconhecia, nem a parte perturbada das minhas vozes desarticuladas.

CAPITULO 6 O DEDO DO DIABO

O Pastor conclamava exortações exasperadas aos devotos extáticos, a maioria negros. A voz vulgar distorcida ofendia a escuridão do beco de pedras a seco. Os cães latiam, batendo nas chapas dos portões, enquanto a camionete dos Churros grasnava musicas estridulas de crianças.

No formigueiro desajustado da Vila pude ouvir o clamor e a curiosidade doentia do povo. Com certeza outro cotidiano acerto de contas entre traficantes, resolvido de forma tribal. Podia ver o corpo agachado de um homem branco. A multidão reportava noticias alteradas em cada panelinha. "Esta' sem documentos" referia o merceeiro com a camiseta dobrada em cima do abdome.

Segurava um papel no punho afrouxado e um sarmento que reconheci. Morreu, meu amor atolou na deriva das suas carências, no engano de seus substitutos artificiais. Uma ansiedade de viver que o levava a reforçar a intensidade de seu andar no mundo.

Encontrei este manuscrito de Alessandro no seu tiracolo de lona de caminhão. Agora a voz dele ira' narrando o final magico de nosso amor, através meus sentidos. Sou Luala a Índia. Aprendi dos espíritos que me amam, que na jornada e' preciso não deixar nada pendente e inacabado. Guiada pelas entidades, encontrei alguém capacitado para transmitir a experiência profunda que meu amor queria ressarcir ao Universo, apesar de suas falhas.

Eu vivia de expedientes, vencendo as dificuldades entre faixinhas, terapias regressivas e taro. Limpei nas festas natalinas o apartamento pessoal e vazio do Professor de Letras da UFRN. Sua tentativa de ser comum falhava, no estante cheio de livros imprescindível de literatura europeia, no idioma original. Aceitou de transcrever o livro de Alessandro e o meu final celestial, por piedade, ou talvez para evitar uma carnificina linguística.

Alessandro morreu na decadência da favela, frente aos meus olhos, no cheiro ranço e de açúcar queimado, gravando essa dor no meu coração.

Naquele momento eu ajoelhada na rua de areia vermelha, comecei a soletrar seu nome e devagar chamei as entidades: "Mae Terra reconheça Alessandro e sua raízes".

Gritei ao vento: "Brisa do verão ensina ele a voar". Aquela gente suspeitosa lançava olhadas estranhas, acreditava só num Deus, o mesmo Deus tirano que censurava meu costume. O espírito livre de nosso amor não era dependente e não pedia esmola a aquela divindade cruel.

Beije seus cachos morenos exortando: "ao fogo, a teu alento, a tua chama sagrada viva pela eternidade"

Beije a fronte tépida soprando palavras: "ao ar brando como teus pensamentos, a tua forma ligeira de ser, espalhada entre nos".

Beije a boca molhada do meu amor, um gosto de ferrugem nas minhas palavras sangradas: "Tudo em você é água, até oitenta por cento, água teus sentimentos querendo evaporar".

Beije os pés, a sua pequena porção enraizada na terra, tão pouca que poderia levar lá em bora consigo: "Alessandro conserve no fluido cósmico teus cinco sentidos. Escute, olhe, toque, odore, saboreie. Nunca mais sofra pelo apego.

Sentia que tinha perseguido algo que se revelou ilusório. Achei possível o encontro de dois mundos, sem proteger-me de forma precavida, contra os reveses.

Eu abrigava e garantia nossa dimensão sensível enquanto ele tentava compreender a essência do todo

. Agora estava sobrecarregada do trabalho não concluído de Alessandro. Agora, incompreendida, começava minha solitária luta num ambiente hostil. Apesar de que nossa conexão profunda fosse em conflito com minhas convicções e meu senso de dignidade, me recusava de aceitar sua morte.

Prometendo sorrir encaminhei minha última veneração: "Meu amor, recolhe agora teus passos, retire eles do mundo terreno, percorras os lugares que amou, visite a gente de quem gostava, tome o luxo de nos saudar um por cada vez. Não tenha medo, amor, dessa viagem; é somente uma transformação. Até mais, Gringo."

Precisava encontrar o Consul italiano na Agência situada na Cidade. O Doutor Bordogna, atraído de seus óculos exagerados, mostrava os dados dos parentes mais próximos de Alessandro.

O céu imóvel e exausto parecia retirar-se sobre os edifícios cúbicos e ásperos, diferentes um dos outros. Ultrajado, até se recolher para não tocar as árvores, os fios elétricos e os azulejos partidos das casas.

Sua cara indisposta, emoldurada de cabelos grisalhos, não fazia nenhum esforço para aliviar a tensão. "Então Senhora, a irmã' de seu convivente, tal Sonia, disponibilizou 10000 reais para a cremação do corpo, concluir a papelada e um passeio até Itália para você e os restos mortais na urna.

Já' revoltada pela afronta, enquanto ele acrescentou: "Sabe escrever? Assine aqui, meu tempo acabou". A atitude antipática do Consul estava me levando ao abandono. "Luala quer renunciar a realização do meu sonho visionário?", podia sentir o alento do espírito de Alessandro.

Queria desistir de tudo por um pretexto obstinado contra o estado atual das coisas acontecendo. Nada era como deveria ser. Zangada com o Destino estava procurando uma fuga, mas eu sabia que não teria encontrado a paz da alma até que o contrato que Alessandro segurava na mão no dia da sua morte, não fosse respeitado. Toda esta situação adversa e intolerável me obrigava a transigir a meu credo.

Ele procurava sem parar o jeito de superar a lacuna que o separava dos outros. Conseguiu assinar um contrato de exclusiva com uma notável marecultura italiana. Queria resgatar seus fracassos financeiros, libertar-se dos grilhões das descrença em si mesmo e viver de novo intensamente.

O crematório Moradia da Paz parecia uma afetação teatral grotesca, onde a solenidade da morte resultava ridícula. Mudanças de árvores tiradas cedo do viveiro, em fileiras equidistantes refletiam a falsidade daquele parque dormente. Palmeiras inanimadas lembravam como eu deveria ficar; atenta e crítica, mesmo que as emoções me desviassem.

Uma total ausência de alma, naquelas diretrizes, nos preceitos de um cemitério onde os espíritos deveriam ser livres de evaporar sem desígnio.

CAPITULO 7 PRIMAVERA ITALIANA

Cheguei a Modena no Carnaval. Comemoravam revestidos em camadas pelo frio. Ninguém dançava, nem se movia. Crianças obrigadas em figurinos atrapalhados, acompanhados de mães atraentes e inertes, sem homens ao lado para beijar. Pousei naquela planura húmida de fumo e nevoa num mês já sinistro pela família, cheio de lembranças de desgraças e fatalidades.

Fui hospedada na casa da tia Fiore, que junto a Sonia era a ligação mais próxima com Alessandro. Membros mais sólidos daquela árvore genealógica, unidas por uma lealdade invisível, se sentiam impelidas a pagar as dívidas do clã.

Guardas dos segredos, das vergonhas e dos conflitos da família, elas insistiam em transmitir os problemas não resolvidos, através sigilosos silêncios e coisas não ditas.

A dor não elaborada da Tia Fiore, por ter dado a luz a primogênita da mesma idade que Sonia, amplificava o sentido de solidariedade. Alguém sustentava a tendenciosa hipótese que a obstetra apertou demais o fórceps. Cresceu amada mesmo com um retardo nas funções linguísticas e comportamentais.

Lutou para pertencer: "quero ser como vocês" parecia gritar seu rosto adulto na mente de criança.

Enquanto o sistema de vínculos recusava o diferente, o sentido atávico dela, sabia, que pertencer era uma condição essencial para sobreviver. Ser excluída e rejeitada queria dizer morrer; uma sensação vivida de mão dada com o medo do futuro.

A casa era curada com zelo, dominada de uma magnólia translúcida que alcançava o segundo andar. O jardim estreito se elevava pela angustia. Os aposentos sufocavam entre moveis e guarnições em religiosa amostra. A vitalidade do ambiente parecia esmaecida, como a Tia, receptiva e passiva, assim ligada a sensações passadas e as tradições.

O drama de ter perdido a segunda filha, perfeita e elegante, levou ela a uma necessidade gregária e familiar intolerável. Colocada na prospera Via Emilia, florescia a cooperativa social L'Eco, onde sócios visionários viram a possibilidade de criar um projeto empresarial com espírito social e solidário.

A filha incapacitada se esforçava naquela estrutura, baseada no voluntariado, na colocação no mundo do trabalho e na expressão artística. "Ale, amor sinto uma ligação tão terna e humana aqui", soltei um pensamento apontando ao telhado alto da oficina. A vibração daquele lugar me permitia falar com seu espírito.

Na Planura Padana o diferencial e a razão da abundância e da riqueza, sempre foi o árduo trabalho. Por isso se tornava imprescindível que também a pessoa incapacitada, pudesse identificar-se com o mundo adulto e positivo do "saber fazer". Adquirir habilidades alimentava a bagagem para crescer, numa experiência vivida como ensaio de si mesmo.

"Lualla, porque não continua tua vida aqui conosco, para sempre?", estragou sem querer meu nome, de uma forma assim amorável que foi impossível corrigir Tia Fiore.

Este laço estava me deixando dependente e irritada, com um impulso de fugir logo daquela situação, materialmente ou ao menos mentalmente. Ao

longo da minha vida quando as circunstâncias se faziam restritivas e me sentia forçada, me resultou difícil criar ligações emocionais estáveis.

Devia me proteger daquele mundo abatido e dissonante, precisava de um alívio corporal, físico, aquela satisfação erótica que eu sentia com Alessandro.

“Tia Fiore onde posso arranjar um homem para fazer o amor e atenuar meu desejo?” revelei, e parecia que naquela cidade ninguém soubesse falar de seus próprios desejos; somente à noite escondidos, como eu já vi fazer ali por perto. “Lalla não pode fazer assim, Alessandro morreu a pouco tempo e nos resgatamos você aqui, para morar conosco”.

“Isso é demais para aguentar”, pensei com um formigueiro no ventre, “você implorastes que eu ficasse vocês precisam de mim”. Presa numa situação incomoda, senti ainda mais a necessidade de um alívio físico, libertar-me por um tempo dos problemas e me relaxar.

“Quando eu precisar de algo, eu peço a mim mesma” lembrando que eu era guarda da tradição Índia. “Meus pensamentos se viram realidade, eu crio meu destino”, fazia ressoar como um mantra nas minhas vísceras. Estava me preparando para o dia seguinte, o encontro na cidade de Ravenna para finalizar o contrato com a maricultura.

“Lualla, bora, vamos viajar em direção ao mar, não esperamos amanhã, preciso respirar iodo” ordenou Sonia, volúvel e insegura. Esperava que meus dons de curandeira arrancassem seu problema de hipotireoidismo.

“Vamos logo Sonia” ansiosa de me aproximar a resolução do contrato. “Mas, desculpe, vem com esta roupa?”, incrédula engoliu, “aquela calça justa e o pulôver gola role de ontem?” Eu respondi somente “sim”, e opus um tom desafiador a qualquer restrição dela.

Imatura, com pouco gosto pela vida, não precisava de iodo, só entender que sua comunicação, sua garganta estava travada a muito tempo. Irmãos carregados do mandado dos pais, para satisfazer algo que eles não cumpriram. Sem saber que ao renegar a cultura do clã e querer projetar fora o próprio destino podia gerar um efeito devastador.

Lançada na Rodovia del Sole rumo ao mar, na sua MG verde inglês, revelou seu gosto pelo encanto e a beleza. O som de fundo fazia parecer o mundo, um lugar onde somente ao esfregar a lâmpada, poderia obter tudo que desejasse.

“Eu preciso te tocar, e outra vez te ver sorrindo. E voltar num sonho lindo”. A voz languida de Gal Costa consumia minha resistência, me sentia impaciente e agitada. Sonia queria somente ser aprovada pelo seu charme e elegância, seus modos sedutores e graciosos, enquanto eu ainda

precisava saciar meu apetite sensual. Era aconselhável desfazer o feitiço dessa viagem e voltar a realidade. "Luala esta noite vamos parar aqui, um lugar magico que Ale adorava". As luzes voluptuosas iluminavam o burgo medieval, que parecia abraçar-te para depois te rejeitar ao olhar a valada com a cidade de Forlì. "Aqui e' Bertinoro", ofegante como de costume, "depois te conto a historia da imperatriz que deu este nome áulico, se quer". O Bistro' cheio de vinhos importantes e pratos requintados me deixava desconfortável. Sonia fechou o jantar com um Passito, uva de colheita tardia, doce e alcoólico, que serviam também no restaurante da família, "Volo d' aquila". No silencio do meu coração brindei ao meu amor e a seu voo solitário. A boca cheia de mel e pêssego era exaltada daquele veludo alaranjado, numa euforia insana depois da morte, na minha tentativa de celebrar a vida. Minha aparência exótica e as pupilas dilatadas inspiraram o homem ao piano forte. Preso na minha rede de musa morena parecia reter as teclas, arrastando as notas de "Insensatez", caçando uma lisonja. Atrasava a melodia como uma caricia no meu corpo; não podia mais ouvir a voz histérica de Sonia. Estava vibrando, junto ao meu respiro acelerado e ao segredo da minha mão debaixo da mesa.

Chuva e vento engrossavam a força das ondas, subjugando o defluxo ao mar. Doca Dalmazia estava inundada e os canais em tumulto pela enchente. O transito era interditado desde a praça, ate' o velho quebra-mar.

Diego o presidente do consorcio maricultura de Ravenna marcou o encontro no Baretto, que como ele enfatizou com desaponto, não estava mais com vista ao farol. Grosseiro e jovial, no lugar de prestar atenção a negociação, me olhava obstinado, piscando os olhos cintilantes.

Sonia se ofendia facilmente se não recebia o tratamento adequado, queria ser admirada e reconhecida, provocar uma impressão favorável, pelo menos no acordo comercial. Revoltada ordenou um cocktail Martini e o sorriso estúpido da garçonete a fez trocar por um Spritz. Eu queria consumir de novo a volúpia daquela colheita tardia e do pianista, enquanto Diego escolheu para mim a mesma bebida vermelha que ele trouxe num gole. "Outra rodada Sara", ordenou desamarrando o avental da garçonete.

"Luala não perca o foco, se concentre no contrato e vamos logo com o senhor Diego ao Advogado para assinar as clausulas", falou Sonia com voz estridente. Sucesso e popularidade preenchiam as lacunas que a separavam dos outros, da mesma forma que Alessandro. Ela exigia demais de mim, mas eu estava resignada a terminar esta tarefa. Ela gostava de manipular pessoas e acontecimentos em nome do proveito enquanto eu estava me deixando levar pelo cheiro alcoólico e masculino daquele homem.

"O Diabo era tão cansado que deixou fazer tudo aos homens, que conseguiram fazer melhor que ele" ciciava Diego no meu ouvido, depois de

algumas doses de Campari. Eu conhecia bastante o idioma italiano para entender aquelas palavras, mas meu verdadeiro talento era sentir. Fiquei confusa com a precisão amolada da sua frase, que com certeza decorou, para abrandar a rudeza das suas maneiras. "O corte sagaz da locução apontava a mim ou era voltado a Sonia?", refleti perplexa. "Esta' falando dele mesmo ou era uma insinuação sobre o contrato?", ébria pensei.

Um odor nauseabundo de eucalipto e desinfetante asfixiava o cheiro vigoroso da sua pele. Agarrei a maçaneta no banheiro com sua mão que levantava meu pulôver, desmascarando turgidez e desejo. Arrancou-me do lavabo; o frio da porcelana acrescia a pulsação exaltada na minha calça apertada demais. Reclinou no chão sem reparar a sujeira, me estiquei em cima dele ,deixando- me atravessar Eu gozei naquela fusão imperiosa. Beijou minhas pálpebras húmidas e disse: "O Diabo e' supérfluo, porque os homens sabem fazer o mal ,ate' sem tentação, e' um mundo cheio de estupidez e folia". "Não, não fale nada" pensei enquanto visualizava as cores dos chacras. " Mhhhh, verde, verde, verde, não quero resistir a esta excitação".

"O Advogado esta' esperando vocês, podem subir, quarto andar", com gentileza comedida a secretaria nos convocou. Sonia respirava intensamente, afobada na sua cobiça. Passava ansiedade. Parecia ressentida pela minha falta de respeito e por ser preterida. Queria provar a si mesma e a Diego, que nada podia afetar ela, mas resultou agindo com aspereza e um aceno despótico, que podia prejudicar a negociação.

"Por favor, entrem, ainda bem que solicitei pontualidade", repreendeu uma voz vibrante no escritório. Diego com sua camisa jeans desbotada e o suéter azul na cintura baixa, entrou primeiro, esticando o braço para nos convidar - "Bom dia doutor Pregu, para os amigos Eva"- Nos apresentou alongando-se na escrivania e beijando com graça a frente da advogada. Não estava preparada para emoções contraditórias, queria fugir daquele lugar elegante. Sonia se animou em ver-me finalmente enfraquecida, alimentando sua esperança de tirar proveito da situação desagradável. Vi a complacência enquanto apertava a mão dela.

Avançava segura, cheia da sua erudição jurídica, delicada e austera ao mesmo tempo. Uma beleza intensa que ameaçava meu controle sobre as emoções, mesmo eu tentasse ignorar lá, sob uma atitude apática e circunspecta. "Muito bem senhores, o objetivo para nos do consorcio maricultura de Ravenna consta em obter um produto destinado a melhorar o consumo, a colocação e a longevidade de nossos moluscos e crustáceos".

“Se alguém não entende direito, não tenha receio, eu vou explicar em palavras simples”. “As responsabilidades pela tutela de seu segredo industrial não podem recair todas sobre nossa conta corrente. Quer dizer, não podemos pagar o risco que suas informações já’ tenham sido divulgadas por erro ou descuido”.

Sonia incendiada como a chama de Pentecoste, o peito avermelhado, perguntou: “Doutora Pregu, esta’ insinuando que alguém na família já’ abusou ou subtraiu informações sobre a invenção da variedade vegetal? A respiração torácica e o tom dramático intumesceram seu acossar: “Senhora Eva, e’ importante que você entenda o valor intrínseco do produto que estamos oferecendo.”. A Advogada estava relaxada, piscou rápida em direção ao Diego: “Queria salientar que, queeeee, não se abusa de algo, ate’ que não seja submetido a medidas para sua salvaguarda”.

“ Pense bem, pode ser que não tomou em conta a importância da tutela, somente ate’ que o segredo ja fosse desvelado”. Um olhar feroz de Sonia me incinerou, enquanto eu entendia pouco daquelas palavras acadêmicas. Joguei um olhar oriundo de meu esgotamento nervoso, no Diego.

Queria que eu confundisse esta dramatização com a realidade, enquanto tamborilava com a caneta roubada no barzinho. O diabo, a estupidez, a folia” , pensei “será’ que Diego armou esta tática para me impressionar, para confirmar o lugar comum sobre as mulheres latinas?”

A situação estava precipitando debaixo dos meus pés, sonhava o conforto da minha barraca em Ponta Negra, encaixada naquele céu azul, no lugar daquela amarga recompensa pela ambição de Alessandro.

CAPITULO 8 PIRATARIA

“A senhora, a senhora brasileira em qual rotulo contratual se encaixa? Quero dizer que não sendo casada no cartório com o autor desta invenção experimental, pretende ter algum direito moral, legal e patrimonial?”.

Sempre lutei contra restrições e limitações, queria que meu espirito vivesse quanto mais livre, e nessa circunstancia a urgência se fazia febril. “Senhora Eva,

Eva como aquela que comeu a maçã na sua estúpida religião. Você gosta de brócolis?” perguntei a Advogada com um jeito infantil propositado. A tensão no escritório, provocada pelas minhas palavras inadequadas, deixava intender que para todos eles eu não estava capacitada para enfrentar a contratação.

Em jogo estava uma licença exclusiva para um valor de 300.000 euros, que durante um ano de experimentações, avaliações técnicas do produto, teria sido incrementado por mais 100.000. O acordo outorgaria a licença somente com a assinatura das partes. Diego em nome do consorcio marecultura e do outro lado quem? Eu?, Sonia?, Tia Fiore?

“Somente eu podia controlar meu destino” pensei. “Então senhora Pregu, quer que repita a pergunta sobre brócolis?” Ela replicou: “Bora, na me faça perder tempo com astucias e manhas indígenas, aqui o tempo e’ dinheiro”.

“Biopirataria, os acordos de Rio? Sabe do que estou falando, não e’?” repisei com orgulho. “Seus traços parecem do sul Itália, Advogada, com certeza seu avo cultivava brócolis na horta, que agora não lhe pertencem mais; isso se chama biopirataria”.

“ Uma indústria sementeira de propriedade da Monsanto, anos atrais patenteou aquela espécie silvestre de brócolis do sul, causando dano a seu avo também. Naquele momento todos entenderam que eu poderia ser uma ameaça.” Deixo vocês aqui, refletindo sobre a moralidade do seus flagelos e de seus saques. “Vou sair logo daqui para tirar de mim o mau cheiro de seres como vocês”. Abandonei o escritório espasmódica e desamparada. Não sabia onde ir, mesmo que aprendi de minhas peregrinações ao redor do mundo a gozar daquela temporária sensação de abandono e desproteção.

As ruas do centro histórico de Ravenna contavam vidas e obras de personagem que eu não conhecia, Arte e magnificência secular. Naquelas praças se acalentavam ideias de poder e erudição, enquanto na minha terra ancestrais nu recolham mandioca e amolavam flechas.

Nossa Arte não se encontrava nos museus, não se devorava depressa como um produto do mercado. Não se ostentava como sintaxe dos valores dominantes, como repetia Alessandro achando-se isento. Eu percebia todo mundo possuído para as coisas e os objetos, esgotados pelos objetivos prefixados para poder possuir a Arte. Em Ponta Negra a alma se fazia mais curiosa, pedia para ser estimulada ao máximo. Não conforme com o mundo, a gente não renunciava a qualquer custo em expressar a própria Arte intima. Afirmar sim mesmos não significava ir contra.

Para nos a verdadeira

Arte era percorrer uma estrada que ninguém ainda tinha cruzado, nos liquefazer no tempo radial, fora da banal ordem cronológica, além da seca logica linear dos acontecimentos.

Participávamos ativamente na criação do nosso novo futuro, avançando em direção de nossos medos, confiando na cumplicidade do Universo. As cidades de vocês ensinaram mais a adorar imagens e objetos no lugar de adorar vocês mesmos.

Meu Mestre me ensinou a usar a sombra, ser leve, afiar as capacidades, entender. Tornou-se fácil para mim, curar, conversar com espíritos, comunicar com plantas e animais, aceitar câmbios imprevistos de conceitos mentais com poderosa clareza.

Escapei do escritório do Advogado e minha natural capacidade de examinar tudo estava amplificada. "Valia a pena formular metas novas ou era melhor fugir no mundo que eu gostava mais?", pensei apontando a tabuleta do hotel Byron.

O poeta despertou em mim uma lembrança divertida de Alessandro decorando versos no idioma original. Quando ele estava com sete de viver e podia somente reparar com a ebriedade da cachaça, declamava obras poéticas, com gestos dramáticos. Se abismava nas palavras, que amava e ao mesmo tempo odiava.

Dedicava sempre as mesmas rigas, como um lema: "Para você amor, selvagem e cheia de vida", "escuta sem rir de mim" "*There is a pleasure in the pathless woods,*

There is a rapture on the lonely shore,

There is society, where none intrudes,

By the deep sea, and music in its roar:

I love not man the less, but Nature more.

"Há um prazer nas florestas desconhecidas;

Um entusiasmo na costa solitária;

Uma sociedade onde ninguém penetra;

Pelo mar profundo e música em seu rugir;

Amo não menos o homem, mas mais a natureza...

Uma distancia intransponível o separava dos outros, ele sabia disso mas não conseguiu penetrar a essência, estabelecer uma ligação íntima com a Terra, com mãe natureza. Insistia em querer explicar e demonstrar o funcionamento da realidade na qual estava absorvido, através a ciência, através o corpóreo.

O íntimo funcionamento das coisas escapava também aos cientistas, e a muitas pessoas que cruzei em Modena, Ravenna e Natal. Admitiam na própria realidade somente o que era visível e que podia ser medido.

Sonia, Tia Fiore, coitadas, elas também queriam tirar proveito da descoberta da Euforbia Tirucalli, o dedo do diabo, em regime sigiloso, não queriam compartilhar com a coletividade a invenção de Alessandro.

A atitude especulativa do Advogado me deixava intender a posição de controle sobre o mercado que o consorcio maricultura estava perseguindo. Tudo aquilo representava para mim um flagelo, uma depredação. Minha cultura não conhecia a lógica do proveito aplicada a natureza, favorecia uma dimensão coletiva da propriedade.

Muitos saqueavam a natureza, estendendo o colonialismo ao mundo das ideias, não somente dos recursos.

Uma ditadura alimentar depredava a floresta e os conhecimentos tradicionais dos nativos. Saques genéticos de plantas justificados com a promessa que as tribos, ficarão ricas com os proventos da comercialização dos produtos.

Nossa floresta flagelada para curar as desarmonias do mundo moderno. O que eu estava fazendo ali? Andei vagueando por longo tempo guiada pela corrente dos meus pensamentos. Deparei que estava voltando de novo perto do Baretto.

A chuva cessada a horas deixou um céu amargo e esgotado como o fim de um choro. "Sara, boa noite, Diego esta por ali?", perguntei a garçonete. Ela sorria fixamente para não perder nenhuma lisonja, nem imaginaria.

" Como esta e' sua segunda casa, com certeza esta' chegando. Me prometeu um jantar ao Orto para comemorar um grande negocio", replicou ela, mexendo com um cacho.

Não retirava aquele sorriso falso, apesar dos pés entorpecidos que esfregava contra a panturrilha. Parecia uma caricatura com uma expressão amarga a procura de atenções. Pedindo somente, como uma criança maliciosa, um pouco de encanto momentâneo e irresponsável. "Enfim chegou", berrou puerilmente Sara.

"Já' chega de filantropia e humanitarismo, precisa fechar o contrato. Empreitas para milhões de euros estão envolvidas. E' só meter-me em contato com o laboratório em Natal, depois o consorcio da um jeito com seu próprios meios", Diego cuspiu aquelas palavras estranguladas pelo anseio. Os traços amáveis da sua figura murcharam frente a postura vulgar que exibiu.

Parecia um diabo, o mesmo satanás de quem falava murmurando, enquanto consumia sua volúpia no banheiro do bar. Objetos do desejo escolhidos e consumidos com eficácia, totalmente livres de escrúpulos. Por aquela falta de duvidas gozei o coito roubado, alimentado pelo espirito e exaltado pelo seu cetru. Uma vontade incontida como expressão de poder do nosso mestre interior.

"Diego, quer tomar um aperitivo?", se meteu com voz frívola a garçonete.

"Diego você caíste, desabaste", silabei com compaixão, esticando os braços para me defender dele. Avançou com fúria arremetedora, ninguém podia negar seus desejos.

" Caístes, todo mundo desabou. Você, Alessandro, Sonia, a cidade inteira. Vocês sois arvores desarraigados, degolados e não enxergais. Quando uma planta cai no meio da floresta e ninguém repara ela cair, não significa que não seja caída", falei com o sal das lágrimas na boca.

Eram um viveiro abatido onde o rimbombo da queda era absorvido pelos objetos, pelas coisas amontoadas no gueto das cabeças.

Vocês ainda não podem entender que existe uma parte de realidade invisível que não se pode medir. Continuam vivendo uma vida em preto e branco, num mundo que na verdade sempre foi colorido.

Vou te dar agora a formulação certa do Latex, te acompanharei até o Brasil, se quer. Mas, por favor, tentais não armar outra ditadura alimentar. As plantas são o primeiro elo da corrente. Gerir e controlar a oferta de comida é como controlar o ser humano.

Diego não escutou nenhuma palavra que eu disse depois de "te darei a formulação secreta do Latex". "Ligo já para Eva e assinamos logo a cessão da formula", sorriu ele enquanto desinchava como uma boneca. "Não, deixe.

Não quero assinar nada que não seja meu. Certificados do Laboratorio e fracionamento correto da Euphorbia esta estão aqui na minha bolsa, estou somente te entregando conhecimentos ,um empréstimo entre espíritos da mesma família, faça disso um uso consciencioso.

Superficial como a primeira vez, eludiu o assunto:" Então bora, cai fora desse lugar! Tenho uma mesa reservada para dois, no melhor restaurante de Cervia".

O porto-canal estava lotado e fremente de pessoas e barcos. Ressoava uma vibrante energia, devida ao mantra dos arvores mestres revezando seus balançar na ondulação rarefeita da água.

Desviamos a direita num beco recôndito, perto dos Magazzini del Sale, onde até poucas décadas era armazenado o ouro branco das Salinas da cidade. Naquele elegante conforto meu pensamento viajava até as mulheres bolivianas mexendo com a pá na altitude do salar, por uma mixaria.de dólar

"Luala, quero escolher as iguarias para você, deixa comigo o pedido dos pratos. Entrada de vongole, mazzancolle ao sal, e um litro do vinho da casa, na jarra", falava na tentativa de me surpreender com sua galanteria fingida.

"Mhh, Alessandro, cadê você", pensei com saudade do seu talento em degustar, a classe para escolher e seu exagero no gozar. Ele se fundia com os sabores, se mesclava, se derretia até combinar. Entrava no bago da uva, descia na terra que nutria o fruto. Enchia-se do sol que maturava a videira e com a mesma intensidade murchava junto a seu sonho delirante.

Envenenava-se com seus moluscos deteriorados.

"Bora Diego, não posso esperar que o álcool tome conta de mim, quero entregar-te agora a papelada do Laboratório, antes que seja tarde demais", lhe disse com firmeza enquanto minha mão na bolsa procurava a carteira dos documentos. "Espera aí, falta brindar ao nosso encontro" respondeu ele, como se nada tivesse acontecido no escritório do Advogado.

"Diego, não estou achando a pasta do Laboratório, cadê'?", surtei com meu rosto afogueado.

De repente pensei ao Diabo, ao mundo cheio de estupidez e folia, ao amor consumido no banheiro. "Diego, por acaso pegaste minha carteira esta manhã, enquanto rolava teu jogo de sedução?", lhe perguntei incrédula. "Olha, o lance desta manhã era bem longe do Latex, foi um desejo carnal que queria satisfazer na hora", me parecia sincero. "Alias posso-te dizer que deixaste a bolsa no banco do bar, pergunte a Sara, ela é metida, com certeza sapeou nosso tumulto erótico.

Alessandro deixou dívidas patrimoniais e morais nas mãos da família. Com a descoberta da Euphorbia teria conseguido sarar o fracasso financeiro que expos Sonia e a mãe morrente a aquela vergonha tão temida. Pagou seus pecados com o sacrifício da sua vida, na areia vermelha da Rua da Floresta.

"Será que foi mesmo Sonia tão suja de tirar a carteira da minha bolsa?", meus pensamentos batiam um com outro na cabeça. "Seria tão hipócrita de se fingir zangada com a Advogada sobre a questão do segredo industrial?". Afoguei a deriva das minhas emoções numa tragada daquele vinho medíocre.

Vi de novo em Diego a mesma amabilidade do primeiro instante. Ele não podia aceitar ter sido explorado por Eva e Sonia, do mesmo jeito que eu. Digitava contatos no celular com um desespero infantil, afastando com outra mão os pratos fartos de moluscos. "Posso ler o futuro, Diego", levantei para beber no copo dele. "Alessandro e Sonia carregam um inconsciente comum, compartilham os mesmos mecanismos de sobrevivência".

Eu conheço bem a trajetória daquelas mentes e posso te dizer que na ausência de dados posso projetar as informações que nos faltam para saber o paradeiro dela".

Estava preste a viajar nas intenções de Sonia. "Qual foi a química dos seus pensamentos?". Caiu na vibração da Advogada como num canto de sereia, até que a sua própria frequência apagou.

Sofria um aluamento, uma demência de absorvimento, não sabia gerir o bombardeio de ondas chegando de fora. Não se permitia seu "sentir", porque influenciada pelas vibrações negativas dos demais. Muitas frequências mal deslocadas ou em desordem. Eu era o veículo chamado para manobrar as correntezas de Alessandro e Sonia.

A verdade deles não era a autenticidade, ou seja o "sentir" verdadeiro, mas aquilo que o ambiente devolvia a eles como positivo, como digno da admiração dos outros.

Decifrei o gênio, a informação estava bem ali, mas qual era, enfim, a emoção que ficava por baixo?

Ela não conseguiu perdoar Alessandro. A levou a ruína e continuava consumindo energia, enganchada a impossibilidade de borrar o pecado dele e a vergonha. A frente ficavam os demais e a necessidade dela de dominar. Cheguei a intender, enfim, o senso da vida segundo Sonia e seu irmão: tentar superar a sensação de inferioridade.

Demonstrar a seus pais que ter nascido valeu a pena.

Para mudar a história de Alessandro foi necessário trocar as emoções que a sustentavam, ver o passado de outra forma. Ele se fixava na emoção desagradável enquanto eu o empurrava a sentir a sensação, o sentimento, a sensorialidade dos fatos.

Avancei um passo a frente no eixo do inconsciente de Sonia: "É tarde demais Diego, posso te dizer que o espírito baixo de Eva subjogou já a vulnerabilidade de Sonia. Elas se encontram na sede da multinacional Gaia Resources em Milão, prestes a assinar um contrato milionário".

Bateu o punho na mesa, arrancou minha bolsa da cadeira e me ordenou de sair. Conhecia bem as ameaças de homens assim que se descarregavam numa explosão arrebatada. Foi por isso que coloquei mais lenha na fogueira: "Diego, as duas já estavam de acordo, armaram a controvérsia sobre a proteção do segredo industrial e acabaram enganando você também".

Minha fala serena ressoava com o latejar brando do meu peito: "É verdade, e é assim mesmo.. que a felicidade vem sem motivo". Apertei seu queixo com as mãos, mexendo com os dedos os lábios que pareciam exangues: "Diego, eu nunca vou querer servir, prestar, ser um recurso, um capital humano, nunca. Quer levar uma vida criada pelos teus

pensamentos? Então escolha pensamentos que poderiam te nutrir, alimente teu espírito”.

Empolgada pela minha vibrante excitação não reparei que eu me sentia aliviada e ele traído. Alheio e pálido insistia em ligações sem resposta: “Lualla, tenho que achar as duas trapaceiras, a qualquer custo. É muito dinheiro envolvido, não posso perder a chance. E você, agora? Qual será teu destino...Onde iras, sem grana nenhuma?”, falou me olhando com horror.

Seu lado conservador e realista observava meu espírito indômito, sem entender como eu pudesse confiar somente no Universo.

“Algo está brotando do nada, e você não enxerga porque fica preso nas formas, nos fatos, numa ordem lógica”, o encanto do momento me fez chorar.

Meu impulso misterioso está dentro de cada pessoa, move o mundo, mas não tem nenhum raciocínio argumentação lógica. Nem pode ser preparado antes.

Eu venerava aquele estado de graça. “Acabados em elegantes cidades perdestes a dimensão intuitiva e irracional. “Não tem mais vestígio do sexto sentido do instinto animal”.

“Cala a boca, estou cheio da tua loucura mística”, reconheci aquele tom manipulador e cativante, o mesmo do Diabo, da estupidez e da folia.

Pegou meu pulso e me virou de costa. Minha bochecha batia ritmicamente na janela do carro, com a cadencia de seus movimentos animais. O cetro usurpador ganhava espaço entre minhas pernas enquanto a verniz preta da camionete refletia a luz inesquecível do farol.

A incapacidade de impor sua vontade o levava a excessos obstinados e enquanto consumia seu ressentimento, descontava em mim a culpa do seu fracasso. Foi atingida por uma flecha envenenada, não me perguntei de onde viesse, queria somente salvar a pele.

Com meu jeito indomável podia cair num penhasco e me machucar, mas também ser levada em direção de um novo cenário. Me colocava no umbral de uma nova jornada, subjugada a uma voz misteriosa.

CAPITULO 8 VIA EMILIA

Um impulso que me parecia uma carícia invisível, uma sede inexplicável, uma convocação feita de apelos confusos. Precisava reconhecer a Energia,

entender a frequência que ressoava em mim como um convite, uma revelação sobre meu futuro.

Era a voz de Alessandro que estava me guiando: "Meu amor, não tem garantia nenhuma de ficar a salvo ali em baixo, mas não tentar seria como negar a divindade que habita dentro de você". Sentia na pele seu alento envolvente, ainda pulsante e embebido de suas excitações, de seus temores e suas ambiguidades. "Lualla não negue a ninguém teu poder de cura. Volte atrás, na Via Emilia, tente lembrar o sopro daqueles meninos com problemas, que ninguém quer entender".

Foi uma mensagem nítida, ele me amava demais, não queria me ver atolada numa vida medíocre.

"É verdade Ale", naquele lugar extraordinário ecoava o próximo passo da minha jornada. Eu podia dar um novo sentido naquela Planura descartável. Pressentia uma comunicação sutil com aqueles filhos, irmãos, netos. Lia seus meneios sinistros e aquelas posturas quase fetais.

A conversa rarefeita com aqueles garotos incompreensíveis parecia transmitida fora do tempo linear das pessoas comuns.

O andamento das informações pertencia a outra dimensão, mais interior, emocional. "Lualla, ciao, eu vou andando até Milão, ante que o presidente da Gaia Resources consiga o Latex, se cuide", disse Diego levantando a cueca. Se foram para sempre suas palavras e seus gestos vulgares. "Não se preocupe por mim, eu tenho altos espíritos vigiando".

"Que tal você prestar atenção? Procure não usar mais tua energia sexual unicamente para teu proveito. Se já no passado abusaste da alquimia do sexo, com certeza vai a ter problemas no futuro. O jeito com que você usou o corpo, vai se refletir na psique. Tua potencia sexual não é o bilhete de ingresso por uma vida de liberdade pessoal desfrutada como e quando você quer.

Sonia escolheu faz tempo de ser um produto acabado, cumprido, concluído. Cedeu o domínio da sua vida presente. Tomou um copo de veneno na esperança que os outros morressem. Alessandro teve a coragem de se rebelar, e nos contar neste manuscrito, a vida que seu próprio fantasma tinha levado. O tempo dele esgotou antes da última aprendizagem, que somente os inseguros precisam de segurança.

Tia Fiore era o divisor de águas entre o mundo e os fracos. Trazia sol e superficialidade. "Lualla, como é que foi o negócio lá em Ravenna?", me perguntou com um sorriso triste e uma grande fatia de torta.

“Muito bom, muito bom”, eu fingi sem segurar meu impulso de sufocar ela com um longo abraço. “Agora sim Tia, podemos morar todos juntos, nossa família está de novo forte e unida”, falei mirando o céu tímido da primavera italiana. Os espíritos que nos amavam, em cumplicidade com a natureza, soltaram os pistilos felpudos das plantas, numa nevasca emocionante. Num instante o rigor da Via Emilia afrouxou. O lugar catalizador foi para Alessandro o Duomo de Modena, para mim foi a ponte de Rubiera. Na rota da Ponte até a cooperativa Eco comecei a perceber ligações da minha mente com importantes vórtices energéticos. “Espera aí Luala, na época do navegador gps em que o planeta está totalmente mapeado, você vem me falar de áreas com remoinho de vibrações?”, falava assim com doçura, Luca, o coordenador da cooperativa social.

“Sim querido, nossa presunção de conhecer a terra, nosso território, e pura insensatez, falta a informação, o aspecto mais importante, a qualidade energética”, respondi com a mesma languida cortesia. “Deixe-me entender, quantas coisas perdi, até hoje?”.

“Luca, você não reparou que onde nasce um lugar de culto, sempre tem debaixo um curso d’água passando? Sem água não tem transmissão de informações, portanto nem de energia”, falei com a satisfação de quem finalmente podia ser útil a alguém.

“No final das contas, as necessidades do ser humano ficaram inalteradas: procurar nutrimento físico e espiritual. Para atender esta exigência primordial, no decorrer dos milênios, a gente delimitou lugares exclusivos por características geográficas, físicas ou energéticas. Para cada um esta demarcação virou mais ideal que física”, minha fala estava esvaecendo. Luca parecia entediado desta conversa impalpável.

Levantou a camiseta fina de cor térrea para coçar seu umbigo, jogando as costas na cadeira estofada do escritório. Pensava com a barriga.

Resolvía os conflitos com o Universo através das vísceras, e o sabia fazer bem, pelo jeito harmonioso do seu ventre. “Que coisas maravilhosas estas me dizendo Luala, então precisamos ficar de olho naquelas áreas, naqueles lugares que chegam a mexer com nosso interior?” “Que também a pessoa mais impenetrável pode ser atravessada de energias diferentes?” Consegui finalmente cativar seus inacessíveis olhos verdes. “Sim, Luca, nossa realidade física onde vivemos, pensamos, expressamos emoções e somente uma bruta aproximação da compreensão do Universo.

Veja só como foi para Alessandro, na calçada frente aquela igreja. Ele sentiu aquele adensamento, aquele campo energético assim significativo de induzir ele a ficar ali, fora do Duomo, e reconhecer o peso da sua existência”. Cruzei as pernas, rápida, para disfarçar meu anelo frente a seus traços fêmeos.

“Luca, os demais acham que estes garotos com problemas mentais faltam de uma dimensão espiritual”, propus a questão apesar de não querer aceitar nenhuma outra opinião diferente da minha. “Eu acredito que falta eles uma dimensão especulativa, não fazem hipóteses, andam com a primeira ideia que a alma sugere. São imaturos e com pouco controle sobre o ambiente, por isso queria ajudar eles através uma linguagem não verbal”.

“Conseguiste Luala, tiraste meu ceticismo, acho que Tia Fiore teve a sorte de te encontrar. A gente precisava mesmo de você nessa terra brumosa”. Em poucos dias retomei meus projetos e meu espírito para trazer leviandade naquele lugar de profundo mal estar. Brincar era o único jeito de ganhar a confiança daqueles garotos perdidos. Brincar continuava sendo o fundamento do nosso viver. Todos nos começamos brincando. Na brincadeira eles podiam repensar seu papel no mundo, sem limites.

Toda a cooperativa vibrava de uma universal humanidade. O espaço se ampliava, o tempo dilatava. Nossa dimensão fantástica não era já somente uma evasão. Virava a cada dia mais uma comunhão de almas, o lugar do possível.

“Luala, não quero que fique magoada se tuas expectativas serão desiludidas. Faz tempo que cuido desses rapazes e já me resignei que eles jamais terão gênio para se adaptar ao ambiente”. As palavras de Luca traziam um cheiro azedo de esperanças queimadas. “Por favor, não diga isso. Eu posso sintonizar-me com eles, captar as verdadeiras necessidades. Quero enlaçar relações privilegiadas, ser uma voz daquilo que não conseguem expressar. Serei o duplo deles, lerei dentro porque eles são vanguarda de uma comunicação mais sutil”. Falei rápido para não perder outro tempo precioso.

Filippo era o mais gracioso, tinha graves problemas motor e respondia de forma exagerada aos estímulos. Seu desenvolvimento psíquico e linguístico era brilhante, como a expressão do seu rosto. Apartados, na semi realidade daquela usina de aço e cimento, acendíamos juntos um mundo de sensações táctis, olfativas e gustativas. As entregava a ele de forma brincalhona e teatral, se deixava empolgar num delicado degelo. O levava a conquistar um espaço cheio de prazer, que jamais deveria passar seu limite emocional. “ Você é diferente de minha mãe, sabe? Ela é toda um bloco, você é pequena com um imenso... “. Desejava-me. Ele queria entender suas pulsões esticando os braços para me acariciar.

Riccarda, a filha de Tia Fiore, era mais desconfiada. Com ela precisava tramar histórias fantásticas, mesclando celebridades do mundo do espetáculo e personagem fadados. Oferecia a sua mente simples mapas de significados que a ajudavam a dar um sentido a realidade de fora. “Notícia da última hora: Laura Pausini brigou com a mãe e quer ser mais

independente”; fazia viver seus mesmos problemas existenciais a seus famosos mais queridos.

Eram assim seus ídolos que revelavam a ela as soluções de seus conflitos. Ficou relutante em se abrir, não queria se arriscar em novos contatos até que um aceno da mãe o outorgasse. Ela imitava todas as palavras distintivas de Tia Fiore e isso limitou muito as possibilidades expressivas de Riccarda.

Carlotta com seus cheirosos cabelos castanhos precisava elaborar uma separação importante. A gente brincava de médico e enfermeira para sentir a tensão, o medo, a sensação da dor física. Trocava o papel de ser cuidada pela avó falecida, com a função de ser ela mesma a tomar conta de alguém. Precisava entender os dois lados: cuidar e ser cuidado. Adestrava sua capacidade de tomar conta.

Alisava meus cabelos com a ternura de uma pequena mãe. Ficava difícil esconder a intensidade daquela emoção. Gianni segurava seu fantoche e se por erro o deixava no ônibus, procurava logo outro objeto para espremer. O jeito de entrar no seu inconsciente dava certo somente com um diálogo irreal com bonecas gigantes. O envolvimento com os fantoches não incomodava ele. Gostava participar daquele teatro e aprendeu que no jogo da vida precisava aceitar algumas regras.

“Então Luca que acha da magia primitiva dos meninos? Eles aprenderam a fazer escolhas. Cada escolha é uma energia. Ou energia do espírito ou energia do medo”, falei com um sorriso prepotente.

“Luala, você merece mesmo uma devolução emotiva por toda a dedicação e o amor que espalhou aqui, no lugar da racionalidade”. “Estes meninos, esquecidos na terra de ninguém, acharam o Mestre, aprenderam a manejar a energia”. Os elogios tocantes de Luca me deixaram uma sensação deliciosa que precisava apagar. Aproximou-se dizendo: “A energia é volúvel, porque deseja, Luala”, percorrendo meu perfil com suas palmas.

Eu costumava experimentar tudo com intensidade, mas, aquela vez, abdiquei.

“Não me procure nele, porque não me reconheceras”, ouvi a voz e o sopro gélido de Alessandro. Queria reprimir meu inato entusiasmo, não me deixar envolver por Luca. Era o medo de acabar, mais uma vez, seguindo uma ilusão.

“Luca, desta vez joguei toda minha energia sexual na criatividade, na realização do meu projeto de cura. Minha missão aqui não pressupõe uma história de amor. A esta cidade não estou pedindo um casamento, uma chance fantástica que coloque minha vida numa ordem permanente e imutável. Não quero uma posição social e dinheiro para controlar tudo e

todos. Quero curar esta cidade, recuperar a saúde desses meninos. Minha cura exige ação e toda a energia a disposição.

CAPITULO 9 A CURA

